

CICLO DE CINEMA,
CONVERSAS E CONFERÊNCIAS

12 NOV 17:00



JEAN-MARIE STRAUB E DANIELE HUILLET RETROSPETIVA INTEGRAL

SICÍLIA!
O VIAJANTE
O AMOLADOR

SERRAVES
CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA

SESSÃO 15

12 NOV, 17:00

Com apresentação de Sérgio Dias Branco

SICILIA! SICÍLIA!, 1998

Realização, argumento, produção e montagem:

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Texto: Romance *Conversazione in Sicilia* (1938-1939) de Elio Vittorini

Direção de fotografia: William Lubtchansky

Direção de arte: Christian Riss

Direção de som: Jean-Pierre Duret e Jacques Balley

Música: Ludwig van Beethoven

Interpretação: Gianni Buscarino (Silvestro), Vittorio Vigneri (amolador), Angela Nugara (mãe) e Carmelo Maddio (vendedor de laranjas).

Produção: Straub-Huillet, Pierre Grise Productions, CNC, Alia Film, Instituto Luce

Cópia: 35mm, preto e branco, 1:1.37, a exibir em formato DCP

Duração: 66 minutos

País: Itália / França

Estreia: Festival de Cinema de Cannes, 20 de maio de 1999

IL VIANDANTE (LE CHEMINEAU) O VIAJANTE, 2001

Realização, argumento e montagem: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Texto: Romance *Le donne di Messina* de Elio Vittorini

Direção de fotografia: Marion Befve, Renato Berta e Jean-Paul Toraille

Direção de som: Jean-Pierre Duret e Louis Hochet

Interpretação: Gianni Buscarino (filho) e Angela Nugara (mãe).

Produção: Straub-Huillet

Cópia:

Duração: 5 minutos

País: Itália / França

Estreia: Festival de Cinema de Torino, novembro de 2001

LE RÉMOULEUR O AMOLADOR, 2001

Realização, argumento e montagem: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Texto: Romance *Le donne di Messina* de Elio Vittorini

Direção de fotografia: Marion Befve, Renato Berta e Jean-Paul Toraille

Direção de som: Jean-Pierre Duret e Louis Hochet

Interpretação: Gianni Buscarino (Silvestro) e Vittorio Vigneri (amolador).

Produção: Straub-Huillet

Cópia:

Duração: 7 minutos

País: Itália / França

Estreia: Festival de Cinema de Torino, novembro de 2001

TENOR OPERÁRIO: SICÍLIA! DE STRAUB E HUILLET

Jean-Marie Straub tem citado frequentemente a queixa de D. W. Griffith “O que falta ao cinema moderno é a beleza - a beleza do vento nas árvores”. Ironicamente, foi uma brisa arbórea que deu a Danièle Huillet, esposa de Straub e coautora dos seus filmes, uma tal dor enquanto montava as sequências finais da sua obra-prima de 1999 *Sicília!*. Como revela o documentário *Onde Jaz o teu Sorriso?* (2001), de Pedro Costa, uma enfadada Huillet fica obcecada, durante a montagem, com uma folha de palmeira que mal se nota, agitada pelo vento siciliano, e que entra num canto da composição.

Exclamando de espanto ao notar uma borboleta que conseguiu entrar na imagem, ou meditando sobre o tempo que demora um plano até revelar o sorriso escondido na expressão reticente de um ator, o olho-de-lince de Huillet ignora surpreendentemente os acontecimentos secundários nas sequências de abertura do filme que, assim que reparamos nelas, se tornam mais uma rutura anacrónica do que uma distração.

Com as costas implacavelmente viradas para nós durante as primeiras quatro secções do filme, o seu protagonista (o não-ator Gianni Buscarino) - cuja face não vemos durante vários minutos e cujo nome, Silvestro, apenas mais tarde conheceremos - de repente lamenta, “Não há queijo como o nosso!”. Esta primeira e estranha linha de diálogo é a introdução de *Sicília!* ao inventário de comidas locais, desde as “laranjas amaldiçoadas” que um vendedor tenta transacionar no início, até ao arenque e melão que a mãe de Silvestro lhe oferece quando este regressa a casa, quinze

anos depois (sempre numa disposição pictórica, Straub-Huillet transformam um grande-plano do peixe grelhado, do pote suspenso e do prato branco num *bodegón* digno de Meléndez). Quando Silvestro conversa com o vendedor de fruta sobre a vida na América, onde vive - a cena é retirada à letra do romance em que *Sicília!* se baseia, o antifascista *Conversas na Sicília* (1941) de Elio Vittorini), muito embora o filme, mais tarde, divirja significativamente da sua fonte -, a nossa atenção divide-se entre as imagens do vendedor, truncado à maneira de Bresson; a sua conversa, numa estranha cadência, naquele modo retumbante dos últimos filmes italianos dos autores (“A gritar, sempre a gritar!” queixou-se um crítico); e uma alcova de paredão à direita do enquadramento, onde um rapaz prepara a sua cana de pesca. Nos dois planos seguintes, das costas de Silvestro, o rapaz já tem a companhia de alguns colegas e depois ambos desaparecem; um enorme barco aparece subitamente atracado no porto, apesar de passarem apenas dezassete segundos entre os planos, e nenhum barco foi avistado (mais, no terceiro plano já terá desaparecido); e os detritos acumularam-se na água, o que também indica a passagem de um tempo que pareceu maior do que a conversa entre os homens. Os eventos visualmente simultâneos, contrariamente à sua duração esperada, confundem a nossa percepção temporal e, talvez inadvertidamente, negam a “continuidade absoluta” que Straub deplorava como uma falsidade do cinema burguês.

Tais anomalias abundam na estética de Straub-Huillet. Tem-se conforto, ainda que austero, ao encontrar elementos patenteados da abordagem dos

cineastas em *Sicília!*: uma paródia do plano geral tradicional, onde a câmara se demora infinitamente num sinal que indica a estação ferroviária de Catania; o desaparecimento de todo o som diegético durante um longo período, enquanto observamos a paisagem que se vai desenrolando através de uma janela de comboio (uma sequência que Huillet compara, no documentário de Pedro Costa, a *Ugetsu* [1953] de Mizoguchi); cortes agressivamente descontraídos, tais como aquele que segue da mãe (a formidável Angela Nugara), posicionada no enquadramento a três quartos, para um grande-plano enxertado da cabeça e ombros de Silvestro, compactados na metade inferior da imagem; ou o gesto mais familiar do seu arsenal formal, o dito *plano straubiano*, onde uma longa panorâmica atravessa lentamente a paisagem campestre. Com efeito, os cineastas repetem imediatamente aqui a sua lânguida panorâmica semicircular pela encosta siciliana, da segunda vez com uma luz um pouco mais intensa, a câmara oscilando repentinamente para se fixar numa aldeia distante, para depois repetir o processo a cerca de dez minutos do final do filme.

A maioria dos críticos colocaram *Sicília!*, com a sua duração de pouco mais de uma hora, nas obras de Straub-Huillet de camponeses-a-declamar-em-paisagens, mas, em muitos aspetos, este filme pertence aos seus filmes musicais, tais como *De hoje para amanhã* (1997), a sua interpretação da ópera homónima de Schoenberg, feita imediatamente antes de *Sicília!*. Tal como o cómico ato único de Schoenberg, o filme é um *Kammerspiel* filmado pelo lendário diretor de fotografia William Lubtchansky num preto e branco de alto contraste e centrado numa discórdia

conjugal (Silvestro visita a mãe para descobrir que ela se separou do seu pai). Para além da canção popular e do quarteto de cordas de Beethoven que abre e fecha *Sicília!*, o filme evita a música não-diegética, mas está, ele próprio, estruturado como uma obra de câmara em quatro movimentos, e a interpretação idiossincrática do diálogo barroco aparece-nos frequentemente como arietas e semi-recitativos discordantes. Efetivamente, as conversas rápidas no comboio, no segundo “movimento”, não sugerem muito mais para além dos esbugalhados embelezamentos vocais *buffa*; e as frequentes listas de Silvestro, enumerando comidas e nomes de lugares, tal como o seu entusiasmante diálogo final com um amolador – uma vocação já quase obsoleta, tal como os fardos que ele próprio menciona ou o formato 1.37 que os cineastas utilizam – onde relata as alegrias e os insultos da vida, parecem-se com variações do verismo sobre a aria de Leporello de *Don Giovanni*.

Pierre Boulez chegou a afirmar: “Admiro as pessoas que seguiram obstinadamente o seu caminho e exploraram as suas personalidades até ao fim”, dando como exemplo Cézanne, coincidentemente também um tema de dois filmes de Straub-Huillet (*Cézanne – Diálogo com Joachim Gasquet* [1989] e *Uma visita ao Louvre* [2003]). O destemido duo poderia igualmente ter merecido a estima do compositor, uma vez que manteve o seu intransigente rumo durante meio século, por vezes questionando o julgamento até daqueles que admiram os seus filmes.

Desprezando a complacência do público, Straub-Huillet afirmavam que só “os

vícios da burguesia” - o desejo de um protagonista que faz uma “viagem iniciática” e se reencontra com a mãe - explicavam a popularidade comparativa de *Sicília!*. Neste caso, este crítico continua impenitente por se ter deixado levar por essa depravação.

James Quandt

(Operatic Tenor: Straub and Huillet's Sicília!,
texto traduzido)



PRÓXIMAS SESSÕES

15 NOV | QUA | 17H00

Com apresentação de Hélder Casal Ribeiro

OPERA, CONTADINI OPERÁRIOS, CAMPONESES

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet | ITA, FRA | 123 min. | 2000

19 NOV | DOM | 17H00

Com apresentação de António Roma Torres

IL RITORNO DEL FIGLIO PRÓDIGO – UMILIATI O REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO – HUMILHADOS

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet | ITA, FRA | 64 min. | 2002

INCANTATI ENCANTADOS

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet | ITA, FRA, GER | 6 min. | 2002

DOLANDO

Jean-Marie Straub e Danièle Huillet | ITA, FRA, GER | 7 min. | 2002

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

